

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 - OS VÁRIOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO DO FENÔMENO RELIGIOSO ... | 2 |
| 1.1. ESCOLAS HISTÓRICO-RELIGIOSAS..... | 2 |
| 1.2. ESCOLAS LINGUÍSTICAS..... | 3 |
| 1.3. ESCOLAS PSICOLÓGICAS | 3 |
| 1.4. ESCOLAS SOCIOLÓGICAS | 4 |
| 1.5. ESCOLAS ANTROPOLÓGICAS..... | 5 |
| 2 - COMPREENDENDO A RELIGIÃO APARTIR DAS SUAS MANIFESTAÇÕES.... | 6 |
| 2.1. O QUE É A FENOMENOLOGIA..... | 7 |
| 2.2. RELIGIÃO..... | 7 |
| 3 - A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA | 8 |
| 4 - A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA NA PRÁTICA | 9 |
| 5 - FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA BÍBLICA | 12 |
| 5.1. TEOLOGIA BÍBLICA COMO RESPONDENTE CULTURAL..... | 12 |
| 5.2. AS PERGUNTAS SÃO CULTURAIS E OCULTAS..... | 13 |
| 5.3. AS RESPOSTAS SÃO BÍBLICAS E REVELAS | 15 |
| 6 - A DISTINÇÃO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO | 16 |
| 6.1. SER SUPREMO..... | 18 |
| 6.2. DEUSES INFERIORES | 19 |
| 6.3. ESPÍRITOS..... | 19 |
| 7 - A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO | 20 |
| 8 - DESSACRALIZAÇÃO DO UNIVERSO..... | 21 |
| 8.1. CÉU – SÍMBOLO DA TRANSCENDÊNCIA | 22 |
| 8.2. SOL – SÍMBOLO DA SOBERANIA..... | 22 |
| 8.3. LUA – SÍMBOLO DOS RITMOS DA VIDA..... | 22 |
| 8.4. TERRA – SÍMBOLO DA MATERNIDADE..... | 22 |
| 8.5. ÁGUA – SÍMBOLO DA CRIAÇÃO..... | 23 |
| 8.6. PLANTAS – SÍMBOLO DA RENOVAÇÃO | 23 |
| 8.7. PEDRAS – SÍMBOLO DE ESTABILIDADE | 23 |
| 9 - DOGMAS..... | 23 |
| 9.1. EXEMPLOS DE RELIGIÕES DOGMÁTICAS..... | 24 |
| 9.2. NOMINALISMO RELIGIOSO..... | 25 |
| 9.3. RELIGIOSIDADE POPULAR | 25 |
| 10 - RELIGIÃO OU COSMOVISÃO? | 26 |
| 11 - SINCRETISMO RELIGIOSO | 27 |
| 11.1. O QUE É SINCRETISMO?..... | 27 |
| 11.2. EXEMPLOS BÍBLICOS DE SINCRETISMO | 28 |
| 11.3. NÍVEIS DE SINCRETISMO..... | 28 |
| 11.4. CAUSAS DO SINCRETISMO..... | 30 |
| 11.5. LIDANDO COM POVOS SINCRETISTAS | 31 |

1 - OS VÁRIOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO DO FENÔMENO RELIGIOSO

As ciências da religião surgiram como campo acadêmico somente na segunda metade do século 19, como resultado dos estudos da história da religião que, naquela época, era aceita apenas como disciplina. No seu início, as ciências da religião foram por muito tempo tributárias da filosofia e da teologia, chamadas “velhas mães”, mas aos poucos ganharam sua autonomia.

Ainda hoje há uma discussão acirrada acerca da terminologia. Qual seria correto: ciência da religião ou ciência das religiões? Ou ainda, ciências da religião ou ciências das religiões? Em outras palavras, existe um único método de pesquisa (ciência) e um único objeto de estudo (religião)? Os cientistas da religião ainda não chegaram a um consenso a este respeito e não é nosso objetivo entrar no mérito da questão.

O fenômeno religioso pode ser estudado de várias perspectivas, cada uma com suas particularidades, objeto e método próprios. Assim, dentro das ciências da religião surgiram várias correntes ou escolas de estudo do fenômeno religioso.

1.1. Escolas Histórico-Religiosas

As escolas histórico-religiosas surgiram na segunda metade do século 19 e suas raízes remontam à obra “História Natural da Religião”, de David Hume (1711-1776), publicada em 1757. Ganhou credibilidade especialmente através do padre e etnólogo italiano Wilhelm Schmidt (1862-1954), que fundou em Viena uma escola dedicada à pesquisa das influências de uma cultura sobre outra. Para essa escola, a forma religiosa mais antiga seria a dos Pigmeus, da Floresta Tropical Africana, por serem os povos que se encontram no estágio econômico mais primitivo do mundo. Schmidt concentrou anos de pesquisa à ampliação da teoria de outro conhecido historiador das religiões, o escocês Andrew Lang (1844-1912). Lang levantou a tese de que as sociedades iletradas crêem num “Ser Supremo”, criador primordial que, apesar de não-ativo, continua sendo um referencial ético do povo. E como resultado das suas extensas pesquisas, Schmidt publicou uma obra monumental, em doze volumes, com mais de onze mil páginas, chamada “Origem da Idéia de Deus” (1912ss), a qual contempla um número extensivo de religiões “primitivas” da terra.

Outro grande vulto da escola histórico-religiosa é o italiano Raffaele Pettazzoni (1883-1959), para quem se instituiu em 1924, na Universidade de Roma, a primeira cátedra italiana de história das religiões. Pettazzoni fez uma transferência do historicismo absoluto para o campo histórico-religioso e dedicou-se à tese de que a forma original da religião não era o monoteísmo e, sim, o politeísmo, apesar de concordar com Lang sobre a idéia do Ser Supremo. Seus discípulos mais destacados tornaram-se famosos historiadores da religião, como o húngaro Ângelo Brelich (1913-1977), que sucedeu Pettazzoni na cadeira de história das religiões na Universidade de Roma, Ernesto De Martino (1908-1965), aberto às sugestões da psicanálise e do existencialismo, e Vittorio Lanternari, cujo interesse são os fenômenos religiosos e culturais de fronteira, que geram sincretismo.

A história das religiões está interessada no conjunto dos fatos religiosos enquanto manifestações da cultura humana, podendo ser um método descritivo, analítico ou comparativo. Dessa forma, sua grande utilidade está na classificação

das religiões e fornecimento de dados para fins de comparação, mas dificilmente possibilitará a compreensão do significado último da experiência religiosa para o próprio homem religioso.

1.2. Escolas Linguísticas

Ainda na primeira metade do século 19, surgiu a lingüística comparada indo-européia, que acabou propondo métodos de estudo do fenômeno religioso. Foi o lingüista e historiador alemão Friedrich Max Müller (1823-1900) que propôs o primeiro cruzamento sistemático da lingüística com o mundo das religiões. Para ele, as palavras são originariamente eventos. Os nomes de divindades evocam fatos históricos ou fenômenos da natureza. E assim, estudando a origem dos nomes é possível descobrir a origem das religiões. Em suas pesquisas, Müller percebeu que os nomes de muitos deuses tinham uma origem lingüística comum. Por exemplo, nos Vedas, escritos em sânscrito, aparece o nome de Agni, uma das principais divindades da Índia. Em latim, aparece o nome Ignis, enquanto em eslavo antigo Ogný. Para Müller, são apenas nomes diferentes, em línguas diferentes, para se referir a uma mesma entidade. É o mesmo caso de Dyaus, conhecido em grego como Zeus, em latim como Jouis e no alto alemão como Zio. Em sânscrito, Agni significa "fogo" e Dyaus "céu brilhante". Müller propôs então que as entidades espirituais seriam apenas fenômenos da natureza divinizados pelos povos antigos. Surgia assim, a teoria de que a forma mais antiga de religião seria o naturismo, ou seja, a adoração das forças cósmicas da natureza, como ventos, rios, astros, plantas, animais, rochas, além dos já mencionados fogo e céu.

O francês Emile Benveniste (1902-1976) trilhou a pista aberta por Müller e ampliou essa linha de pesquisa, concluindo que a análise lingüística possibilita não apenas a descoberta das origens religiosas, mas também a compreensão da religiosidade em si. Com uma habilidade lingüística acima da média, o francês George Dumézil (1898-1986) ampliou ainda mais essa teoria, dando também a sua parcela de contribuição.

Entretanto, apesar da sua considerável contribuição, hoje é consenso a limitação da lingüística no alcance do real significado da religiosidade.

1.3. Escolas Psicológicas

Como disciplina científica autônoma, a psicologia da religião nasceu no final do século 19, nos Estados Unidos. Esses estudos foram iniciados pelo pastor americano Granville Stanley Hall (1844-1924), que dedicou-se ao estudo da psicologia da conversão. Aluno de Hall, o suíço, de orientação calvinista, James Henry Leuba (1868-1946), deu continuidade aos estudos sobre conversão do seu professor. Apesar de ter passado por uma marcante experiência de conversão, através do Exército de Salvação, abandonou a sua fé posteriormente, dedicando-se apenas à pesquisa científica. Já seu aluno quacre, Edwin Diller Starbuck (1866-1947), seguiu as trilhas da psicologia da conversão mas permaneceu fiel à sua fé até o fim. Outros pesquisadores conhecidos são William James (1842-1910) e George Albert Coe (1862-1951), tendo este último pesquisado sobre as influências do temperamento na conversão.

Entretanto, os mais conhecidos nessa área são, sem sombras de dúvida, o moraviano Sigmund Freud (1856-1939) e o suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Freud faz uma abordagem negativista da religião, interpretando a mesma como um produto de conflitos ancestrais, equivalentes à infância da humanidade. No seu livro "Totem e Tabu" (1913), ele tenta explicar a origem da religião com a

controvertida teoria do “Complexo de Édipo”. Nos tempos dos ancestrais da humanidade, numa “horda primeva”, teria existido um pai prepotente e ciumento que ficava com todas as mulheres do seu clã, expulsando seus filhos de casa. Um dia os filhos se juntaram, mataram esse pai e o devoraram num banquete totêmico de comunhão. Porém, esse homicídio tornou-se para aqueles irmãos uma causa de profundo sentimento de culpa e o pai morto se tornou mais poderoso do que era enquanto em vida. Nesse clima de remorso coletivo, os filhos passaram a agir exatamente como o pai. Proibiram relações com as mulheres do seu próprio grupo que antes tanto desejavam, surgindo assim a exogamia. Proibiram também a matança de um determinado animal que passou a representar o pai, surgindo assim o totemismo⁶. A imagem do pai continuou se fortificando, surgindo assim a idéia de Deus. Se referindo a esse pai assassinado, Freud afirma que “no fundo, Deus nada mais é do que um pai glorificado” e que a raiz de toda forma de religião é a saudade do pai.

Já Jung adota uma postura positivista, mas interpreta a religião como uma resposta ao inconsciente coletivo que se formaliza em profundas marcas psíquicas. Teria, assim, um papel estabilizador da personalidade.

São muitas as contribuições da psicologia para o estudo da religião, porém, os pressupostos da maioria dos seus teóricos são questionáveis. Via de regra, os fenômenos religiosos são considerados na psicologia como o espelho da psique humana, da mesma forma que na sociologia esses fenômenos são o espelho da sociedade. O sentimento religioso seria uma elaboração do desejo humano por satisfação.

O professor de fenomenologia, Waldomiro Octávio Piazza, critica essa escola por sugerir que “a religião não passa da expressão de sentimentos e temores do subconsciente humano”. Ou seja, é fruto da imaginação do homem.

1.4. Escolas Sociológicas

O belga Claude-Henri de Saint Simon (1760-1825) é um dos primeiros e principais teóricos dessa escola, com sua ênfase no retorno às origens. Mas seu interesse principal era mesmo o cristianismo, que para ele devia ser centrado na filantropia, que seria sua verdadeira base. Um dos seus discípulos mais conhecidos é Augusto Comte (1789-1857) que acabou afastando-se do seu mestre e voltando seu pensamento para o fato religioso em si, quando elaborou a famosa “lei dos três estágios”, segundo a qual a religião passa por três sub-estágios sucessivos: fetichismo, politeísmo e monoteísmo.

Na área francesa das escolas sociológicas, surgiu Émile Durkheim (1853-1917), que se tornou o maior expoente dessa escola. Para ele, tudo o que há de essencial na sociedade é fruto da religião e, portanto, a essência da religião é a idéia de sociedade. A partir dos seus estudos de grupos australianos, ele levantou a tese de que a forma mais antiga de religião seria o totemismo. Sobrinho e discípulo de Durkheim, Marcel Mauss (1872-1950) tornou-se também um grande vulto, dirigindo seus interesses para o âmbito etnológico e dedicando-se ao estudo das sociedades iletradas, especialmente seus sistemas mágicos e formas de sacrifício. Podemos citar ainda, Gabriel Le Brás (1891-1970), que marcou uma reviravolta na sociologia da religião com sua tentativa de criar uma metodologia destinada a medir a prática religiosa dentro das dinâmicas sociais.

Na área alemã, destacou-se o historiador Max Weber (1864-1920), que se dedicou à investigação sobre a ética econômica das grandes religiões universais. Amigo e colega de Weber, Ernst Troeltsch (1865-1923) também se despontou na